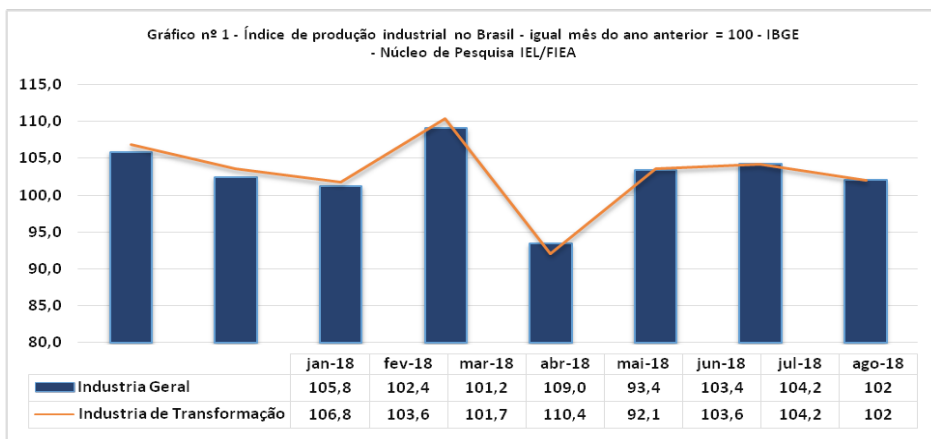




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA INDÚSTRIA BRASILEIRA MANTEM-SE EM MARCHA LENTA

Nos primeiros oito meses de 2018 tanto a indústria Geral como de Transformação apresentaram nítidos sinais de desaceleração, como pode ser observado no gráfico nº 1. Na comparação com igual mês do ano anterior, em agosto do corrente ano a indústria em Geral estava -1,83% abaixo do índice registrado em agosto de 2017 e -3,6% em relação a janeiro de 2018. No caso da indústria de Transformação os percentuais são: -2,0% e -4,5%, respectivamente. A mesma perda de dinamismo é registrada na comparação quadrimestral, de igual período do ano anterior, da produção industrial por categoria de uso final. De acordo com os dados do IBGE, a indústria de bens de consumo duráveis sai de um ritmo de crescimento 21,5% no primeiro quadrimestre de 2018 para 7,1% no segundo; a de bens de capital de 14,2% para 4,4%; de bens intermediário de 2,5% para 0,6% e de bens de consumo semi e não duráveis de 2,5% para -1,2%, respectivamente. Mais uma vez, estes números demonstram que não só a greve dos caminhoneiros como também outros fatores de natureza estruturais tem contribuído para ainda lenta recuperação da indústria brasileira. Dentre os quais, temos destacado do ponto de vista doméstico um quadro de enfraquecimento da demanda que perdura desde 2015, apesar da melhoria observada a partir de 2017, em função do ainda elevado nível de desemprego, cerca de 12,7 milhões de pessoas desempregadas; racionamento de crédito e taxas de juros na ponta elevadas principalmente para as empresas; confiança dos empresários e consumidores abaixo de seus níveis históricos,



segundo as pesquisas da CNI; e um ambiente de negócios de elevada incerteza política. A CNI em seu Informe Conjuntural de julho/setembro de 2018, corrobora esta análise ao avalia que “a recuperação da atividade econômica perdeu intensidade no terceiro trimestre, mesmo com a relativa normalização após o episódio da greve dos transportes de carga, ocorrida em maio. As incertezas em relação ao programa econômico do futuro governo, em especial no que se refere ao indispensável ajuste fiscal, frearam as decisões de ampliação da produção, do emprego e do investimento. Com isso, a previsão da CNI para o crescimento do PIB em 2018 se reduziu para 1,3%, ante 2,6% no início do ano.” Admitindo a débil recuperação industrial, a CNI revisa para baixo o PIB industrial que terá expansão de 1,3%, inferior os 1,8% previstos em junho. Ainda segundo a CNI, “os dados dos

Indicadores Industriais (CNI) já disponíveis do terceiro trimestre, julho e agosto, mostram: utilização da capacidade instalada ainda abaixo do observado em abril; horas trabalhadas na produção oscilando e sem tendência definida; e fragilidade do mercado de trabalho - com apenas estabilidade do emprego industrial e queda dos rendimentos. O faturamento é a única variável que mostra tendência mais clara de recuperação.” E acrescenta logo em seguida, “a Sondagem Indústria da Construção (CNI), por sua vez, evidencia que o setor continua a enfrentar muitas dificuldades, com queda do nível de atividade e do emprego. As expectativas dos empresários do setor são pessimistas”. Em síntese: o desafio da retomada sustentada da indústria é cada vez maior caso não sejam enfrentados rapidamente os problemas estruturais da economia brasileira.

REAL INSTÁVEL SE APRECIA FRENTE AO DÓLAR

A volatilidade no mercado cambial no Brasil continua forte fazendo a cotação (R\$/US\$) passar de R\$ 4,20 em meados de setembro para R\$ 3,71 um mês depois. Grande parte da valorização do Real observada nas últimas semanas se deve ao fato do candidato com agenda mais favorável ao mercado passar para o segundo turno com chances de vitória, segundo a Eurásia, Jair Bolsonaro teria 75,0% de probabilidade de ganhar as eleições em 28/10/2018. Na avaliação do mercado isto sinalizaria um maior comprometimento do próximo governo com a agenda de reformas, principalmente a da previdência, abrindo espaço para a redução do risco país, menores taxas de juros futuras e maior sustentabilidade da relação dívida/PIB no médio e longo prazo. Esta combinação de fatores favoráveis, ainda na avaliação do mercado financeiro e da grande maioria dos empresários do setor produtivo, levaria ao aumento da confiança empresarial e das famílias e, consequentemente, do consumo e dos investimentos, contribuindo para acelerar o processo de recuperação da economia brasileira ainda bastante débil. Ao mesmo tempo neste período tal avaliação tem levado a fortes quedas nos mercados futuros de juros, com os contratos para 2022 saindo de 11,5%aa para 9,40%aa e para 2025 de 12,6%aa para 10,5%aa. Aumentou também a aposta que o BCB manterá a

selic em 6,5%aa até o final de 2018, apesar do relatório Focus captar expectativas de elevação da taxa de inflação para 2018 e 2019, que eram de 4,09%aa e 4,11%aa há quatro semanas atrás passando para 4,43%aa e 4,21%aa, respectivamente. Os dois vilões por trás da maior pressão inflacionária seriam a desvalorização da taxa de câmbio observada desde março, que temporariamente teve a sua dinâmica revertida, mas ainda é cedo para se dizer que é uma tendência, e o aumento dos preços administrados, influenciados pela política de preços da Petrobras e os reajustes das tarifas de energia elétrica. Todavia, apesar do benefício da dúvida dado pelo mercado a candidatura que representaria menor intervenção do Estado na economia, encarnada no segundo turno por Jair Bolsonaro, há ainda muitas dúvidas quanto à capacidade de mobilização do congresso do próximo governo para a aprovação das reformas e falta de maiores detalhes quanto a profundidade das mesmas no plano de governo do candidato. Isto significa dizer que ainda há muita incerteza e que tanto o mercado financeiro quanto os empresários do setor produtivo acompanharão de perto a prioridade dada a agenda de reformas no próximo ano, com reflexos diretos sobre os níveis de confiança e expectativas dos agentes econômicos e, consequentemente, sobre o risco país e preços dos ativos.

Ademais, a permanência de um cenário de maior instabilidade em nível internacional: tensão comercial entre EUA e China e alguns países em crise cambial, como são os casos de Argentina e Turquia; associado a continuidade da política de aumento da taxa de juros básica da economia dos EUA pelo Banco Central Americano (FED), contribuirão para pressionar os preços dos ativos nos países emergentes, como o Brasil, principalmente, segundo a visão dos analistas do mercado financeiro, se não houver uma sinalização clara quanto a aprovação das reformas fiscais em países com elevados déficits. Em síntese, apesar do maior otimismo do mercado financeiro e dos empresários do setor produtivo com a possível vitória de um candidato tido como de visão liberal, é preciso cautela para se definir uma tendência para a economia e os preços dos ativos em prazo mais longo, em função da maior fragmentação do Congresso, o que vai exigir muita capacidade de negociação política para aprovação da agenda de reformas; da resistência a algumas reformas, como a da previdência, principalmente entre os servidores públicos - civis e militares; e da maior instabilidade dos mercados em âmbito internacional, com reflexos sobre as taxas de juros e de câmbio.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM AGOSTO DE 2018

O desempenho da indústria brasileira em agosto de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, queda de - 0,3%. Na comparação com o mesmo mês em 2017 a indústria registrou aumento de 2,0%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI) , “não restam dúvidas de que, com ou sem greve dos caminhoneiros, o percurso que o setor industrial vem trilhando em 2018 não o levará muito longe. O esperado ganho de vitalidade na primeira metade do ano não veio e, agora, as incertezas derivadas da esfera política, que têm implicado oscilações acentuadas da taxa de câmbio e elevações de prêmios de risco, se associam à morosidade do restante da economia impondo dificuldades adicionais à indústria.”

Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de



acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 76% em agosto de 2018, 0,3 p.p. maior do que o patamar de julho e em linha com a utilização média do primeiro semestre de 2018 (75,9%). A despeito disso, o atual nível de utilização continua muito baixo, inferior à média histórica do próprio indicador (80,2%) iniciada em janeiro de 2001. Já o indicador da CNI ficou em 78,1% em agosto de 2018, já descontados os efeitos sazonais,

nível superior ao de julho (77,6%), mas ainda razoavelmente abaixo daquele no primeiro trimestre (78,1%). Vale lembrar que o indicador havia encerrado o ano de 2017 em 77,9%, o que significa dizer que a utilização da capacidade instalada perdeu tudo o que havia progredido nos primeiros meses de 2018. Assim como no caso do indicador da FGV, a utilização da capacidade estimada pela CNI manteve-se abaixo de sua média histórica de 81,0%.”

Variações da Produção - Agosto - 2018 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,3	2,0	2,5	3,1
Bens de capital	5,3	8,2	9,0	9,4
Bens intermediários	-2,1	1,2	1,5	2,2
Bens de consumo	0,2	2,1	3,2	3,7
Bens de consumo duráveis	1,2	9,7	13,8	15
Semiduráveis e não Duráveis	-0,6	0,1	0,6	1,0
Extrativa Mineral	-2,0	1,4	0,2	0,3
Transformação	-0,1	2,0	2,9	3,6

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Lhara Maria Dias Magalhães

Luan Victor Ramalho de Oliveira